

Efectivamente, só de Deus pode provir aquela “imagem e semelhança” que é própria do ser humano [...]

Mas, uma vez realçada a missão específica dos pais, há que acrescentar: *a obrigação de acolher e servir a vida compete a todos e deve manifestar-se sobretudo a favor da vida em condições de maior fragilidade* (43).

A vida humana é sagrada, porque, desde a sua origem, supõe “a acção criadora de Deus” e mantém-se para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é senhor da vida (53).

A decisão deliberada de privar um ser humano inocente da sua vida é sempre má do ponto de vista moral, e nunca pode ser lícita nem como fim, nem como meio para um fim bom. É, de facto, uma grave desobediência à lei moral, ou antes, ao próprio Deus, autor e garante desta; contradiz as virtudes fundamentais da justiça e da caridade. “Nada e ninguém pode autorizar que se dê a morte a um ser humano inocente, seja ele feto ou embrião, criança ou adulto, velho, doente incurável ou agonizante. E também a ninguém é permitido requerer este gesto homicida para si ou para outrem confiado à sua responsabilidade, nem sequer consenti-lo explícita ou implicitamente. Não há autoridade alguma que o possa legitimamente impor ou permitir” (57).

4. A Boa-Nova da vida

Frente às inumeráveis e graves ameaças contra a vida, presentes no mundo contemporâneo, poder-se-ia ficar como que dominado por um sentido de impotência insuperável: jamais o bem poderá ter força para vencer o mal!

Este é o momento em que o Povo de Deus, e nele cada um dos crentes, é chamado a professar com humildade e coragem a própria fé em Jesus Cristo, “o Verbo da vida”.

[...] Jesus apresenta-Se com estas palavras: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). [Ele] recebe a vida do Pai e veio estar com os homens para os tornar participantes deste dom: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Deste modo, a possibilidade de “conhecer” a *verdade plena* sobre o valor da vida humana é oferecida ao homem pela palavra, a acção e a própria pessoa de Jesus; e “desta fonte” vem-lhe [...] a capacidade de assumir e realizar em plenitude a responsabilidade de amar, servir, defender e promover a vida humana (29).

O próprio anúncio de Jesus é anúncio da vida. Ele, de facto, é o “Verbo da vida” (1 Jo 1,1). N’Ele, “a vida manifestou-se” (1 Jo 1,2); melhor, Ele mesmo é a “vida eterna que estava no Pai e que nos foi manifestada” (1 Jo 1,2). Esta mesma vida, graças ao dom do Espírito, foi comunicada ao homem.

A gratidão e a alegria por esta dignidade incomensurável do homem incitam-nos a tornar os demais participantes desta mensagem: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco” (1 Jo 1,3) (80).

TEMA

ESCOLHE A VIDA E VIVERÁS

No magistério da Igreja, a grande referência sobre *a defesa, promoção, veneração e amor da vida* é a encíclica *O Evangelho da Vida*, do Papa João Paulo II, agora proclamado Bem-aventurado. A força e premência das suas palavras assentam no apelo à vida inscrito pelo Criador no mais íntimo de cada homem e no anúncio da pessoa de Jesus Cristo, o *Verbo de Deus*, em Quem *a vida se manifestou em toda a sua plenitude*. Assentam também na actualidade da sua intervenção no nosso tempo, marcado pela dicotomia profunda entre a “cultura da vida” e a “cultura da morte”.

ESCOLHE A VIDA E VIVERÁS. Inspirado no texto da Encíclica, o tema corresponde à necessidade confirmada de nos assumirmos *imersos neste conflito entre a vida e a morte*. «Também para nós, ressoa claro e forte o convite de Moisés: “Vê, ofereço-te hoje, de um lado, a vida e o bem; do outro, a morte e o mal. [...] *Escolhe a vida, e então viverás*” (Dt 30, 15.19)». *Com a força recebida de Cristo, que venceu o mundo pela sua morte e ressurreição, queremos viver e anunciar o Evangelho da vida, «sem temer a oposição e a impopularidade, recusando qualquer compromisso e ambiguidade que nos conformem com a mentalidade deste mundo* (Cf. Rom 12,2)».

A reflexão que se segue é constituída por excertos da *Evangelium vitae*, a que se juntaram apenas títulos e subtítulos. Que esta recolha, inevitavelmente limitada, desperte o desejo de uma leitura aprofundada de toda a Encíclica.

1. No meio do conflito: “cultura da vida” e “cultura da morte”

«Entretanto, Caim disse a Abel seu irmão: “Vamos ao campo”. Porém, logo que chegaram ao campo, Caim levantou a mão contra o irmão e matou-o. O Senhor disse a Caim: “Onde está Abel, teu irmão?” Caim respondeu: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?” O Senhor replicou: “Que fizeste?”» (Gn 4,8-10).

A pergunta do Senhor: “Que fizeste?”, à qual Caim não se pode esquivar, é dirigida também ao homem contemporâneo, para que tome consciência da amplitude e gravidade dos atentados à vida que continuam a registar-se na história da humanidade (10).

“Onde está o teu irmão?”

Como não pensar na violência causada à vida de milhões de seres humanos, especialmente crianças, constringidos à miséria, à subnutrição e à fome, por causa da iníqua distribuição das riquezas entre os povos e entre as classes sociais? Ou na violência inerente às guerras [...]? Ou noutra género de atentados relativos à vida nascente e terminal [...] que tendem a perder o carácter de “crimes” para assumir, paradoxalmente, o carácter de “direitos”?

Como se pôde criar semelhante situação? [...] Existe uma crise profunda da cultura, que gera cepticismo sobre os próprios fundamentos do conhecimento e da ética e torna cada vez mais difícil compreender claramente o sentido do homem, dos seus direitos e dos seus deveres (11).

“Que fizeste?”

A isto, vêm juntar-se dificuldades agravadas por uma sociedade complexa onde frequentemente as pessoas, os casais e as famílias são deixados sozinhos a braços com os seus problemas. Não faltam situações de particular pobreza, angústia e exasperação, onde a luta pela sobrevivência, a dor nos limites do suportável e as violências sofridas tornam por vezes exigentes até ao heroísmo as opções de defesa e promoção da vida (11).

“A voz do sangue do teu irmão sobe da terra até mim” (Gn 4,10).

Quando se procuram as raízes mais profundas da luta entre a “cultura da vida” e a “cultura da morte”, não podemos limitar-nos à noção perversa de liberdade referida [como *poder absoluto sobre os outros e contra os outros* (20)]. É necessário chegar ao coração do drama vivido pelo homem contemporâneo: o *eclipse do sentido de Deus e do homem*, típico de um contexto social e cultural dominado pelo secularismo que [...] não deixa às vezes de pôr à prova as próprias comunidades cristãs (21).

Quem se deixa contagiar por esta atmosfera entra facilmente na voragem de um terrível círculo vicioso: *perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do homem*, da sua dignidade e da sua vida. “Sem o Criador a criatura não subsiste. (...) Antes, se se esquece Deus, a própria criatura se obscurece” (GS 36) (21).

O eclipse do sentido de Deus e do homem conduz inevitavelmente ao materialismo prático no qual prolifera o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo (23). Importa estarmos plenamente conscientes de que nos encontramos perante um combate gigantesco e dramático entre o mal e o bem, a morte e a vida, a “cultura da morte” e a “cultura da vida”. Encontramo-nos não só “diante”, mas necessariamente “no meio” de tal conflito: todos estamos implicados e tomamos parte nele, com a responsabilidade iniludível de *decidir incondicionalmente a favor da vida* (28).

2. A glória de Deus resplandece no rosto do homem

A vida é sempre um bem. Esta é uma intuição ou até um dado de experiência, cuja razão profunda o homem é chamado a compreender.

Por que motivo a vida é um bem? Esta pergunta percorre a bíblia inteira, encontrando já nas primeiras páginas uma resposta eficaz e admirável. A vida que Deus dá ao homem [...] é, no mundo, *manifestação de Deus, sinal da sua presença, vestígio da sua glória* (Cf. Gn 1,26-27; Sal 8,6) (34).

Infelizmente, este projecto maravilhoso de Deus ficou ofuscado pela irrupção do pecado na história. Com o pecado, o homem revolta-se contra o Criador [...]. Deste modo, o ser humano não só deturpa a imagem

de Deus como é tentado a ofendê-la também nos outros, substituindo as relações de comunhão por atitudes de desconfiança, indiferença, inimizade, até chegar ao ódio homicida (36).

“Quem crê em mim... viverá”

A vida eterna é a própria vida de Deus e simultaneamente a *vida dos filhos de Deus* [...].

A dignidade [da vida] não está ligada apenas às suas origens, à sua proveniência de Deus, mas também ao seu fim, ao seu destino de comunhão com Deus no conhecimento e no amor d’Ele [...].

O amor que cada ser humano tem pela vida não se reduz à simples busca de um espaço onde possa exprimir-se a si mesmo e entrar em relação com os outros, mas evolui até à certeza de poder fazer da própria existência o “lugar” da manifestação de Deus, de encontro e comunhão com Ele (38).

Com a sua palavra e os seus gestos, Jesus explicita as exigências positivas do mandamento referente à inviolabilidade da vida [...], desde o velar pela vida do *irmão* (familiar, membro do mesmo povo, estrangeiro que habita na terra de Israel), [passando] por cuidar do *desconhecido*, para chegar até ao amor do *inimigo*.

O desconhecido deixa de ser tal para quem deve *fazer-se próximo* de todo aquele que se encontra necessitado, até assumir a responsabilidade da sua vida, como ensina a parábola do bom samaritano [...].

Assim, o mandamento de Deus, orientado para a defesa da vida do homem, tem a sua dimensão mais profunda na exigência de *veneração e amor* por toda a pessoa e sua vida (41).

Defender, promover, venerar e amar a vida

“Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a Terra” (Gn 1,28): *as responsabilidades do homem pela vida*.

Defender e promover, venerar e amar a vida é tarefa que Deus confia a cada homem [...].

Trata-se, antes de mais, de *domínio sobre a terra e sobre todo o ser vivo* [...]. Chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo, o homem detém uma responsabilidade específica sobre o *ambiente da vida*, ou seja, sobre a criação que Deus pôs ao serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida: e isto não só em relação ao presente, mas também às gerações futuras. É a *questão ecológica* – desde a preservação do habitat natural [...] até à “ecologia humana” propriamente dita (42).

3. A vida humana é sagrada

[A *específica responsabilidade* confiada ao homem no referente à *vida propriamente humana*] atinge o auge na doação da vida, *através da geração* [...]. [Trata-se de] um facto não só profundamente humano mas também altamente religioso, enquanto implica os cônjuges [...], e simultaneamente o próprio Deus que Se faz presente [...]. Na *paternidade e maternidade humana*, o *próprio Deus está presente* de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração “sobre a Terra”.